

Conto 9- A Ilha encantada dos Açores- Menção Honrosa

No tempo dos antigos, há muitos anos, na ilha de São Jorge, a tarde caía tranquila sobre a Fajã de São João. Os adultos trabalhavam nas suas terras, cuidando das colheitas com mãos calejadas pela lida diária. As crianças corriam e brincavam, enchendo o ar com gargalhadas despreocupadas, enquanto os idosos, sentados à sombra das figueiras, recordavam os tempos em que eram jovens e partilhavam histórias da sua infância.

De repente, a tranquilidade foi interrompida pela chegada de um homem alto e elegante, montado num cavalo preto. Ninguém na Fajã o conhecia. A sua presença impunha respeito, e os habitantes rapidamente perceberam que ele não era dali. Anunciou que vinha de outra ilha e que precisava de grandes quantidades de trigo. Durante a tarde, comprou tudo o que conseguiu encontrar, surpreendendo os habitantes que se entreolhavam, intrigados.

— Como pretende levar tanto trigo, se veio apenas a cavalo? — questionou um dos homens.

O cavaleiro ergueu a cabeça, com um olhar misterioso, e respondeu:

— Atirem o trigo ao mar. Ele encontrará o seu caminho até à minha terra. Não se preocupem.

As pessoas hesitaram, mas, diante da confiança do estranho, obedeceram. Sacos e mais sacos de trigo foram despejados nas águas calmas do oceano, que os engoliu sem deixar vestígios.

Entre os curiosos estava um jovem rapaz que assistira a tudo com um brilho de aventura nos olhos. A sua curiosidade não lhe permitiu conter-se.

— Gostava de ver como é essa tua ilha! — exclamou.

O cavaleiro sorriu levemente e estendeu-lhe a mão.

— Então, salta para o meu cavalo. Eu levo-te lá.

Sem hesitar, o rapaz montou no cavalo e segurou-se firmemente. O animal avançou, seguindo um carreiro que parecia surgir do nada sobre o mar. A cada passo, as águas abriam-se, formando um caminho por onde seguiam, enquanto atrás deles a passagem desaparecia como se nunca tivesse existido. Ao chegarem à ilha misteriosa, o rapaz ficou boquiaberto. Viu mulheres recolhendo o trigo das águas, separando-o cuidadosamente para secar no calhau. Mais adiante, músicos tocavam melodias nunca antes ouvidas, em instrumentos desconhecidos. O som envolvia a ilha com uma harmonia mágica. Homens e mulheres dançavam, executando coreografias tão belas que pareciam flutuar no ar. Crianças brincavam livremente, inventando jogos que o rapaz nunca vira. Fascinado, virou-se para o cavaleiro.

— Que ilha é esta? Nunca ouvi falar dela!

O cavaleiro olhou-o nos olhos e respondeu calmamente:

— Esta é a Ilha Encantada de São João. Um lugar que poucos podem ver. Mas agora já é hora de regressares.

O jovem sentiu um aperto no peito. Queria ficar e explorar mais, mas o cavaleiro foi firme.

— Segue por este carreiro de volta, mas lembra-te: nunca olhes para trás. Se o fizeres, ficarás caldeado no mar, e nunca mais voltarás.

O rapaz assentiu e começou a caminhar. Não olhou para trás, como o cavaleiro lhe pedira, e seguiu sempre pelo carreiro, sem parar, até chegar à sua terra, na Fajã de São João.

Quando regressou foi interrogado e contou que tinha visitado uma ilha encantada e que esta só podia ser desencantada se, na manhã do dia de São João, um padre, na Fajã de São João, olhasse para o horizonte e quando a visse a benzesse. Caso isso aconteça aquela tornar-se-ia na 10.^a ilha dos Açores. No entanto, até hoje, o mistério perdura e é contado de geração em geração pelos antigos, na esperança que aquela ilha mágica surja no horizonte.